

## 7

### Conclusão

Carmen da Silva começa seu livro de memórias com o seguinte texto:

Nasci mulher. Sem a “petite différence”. Já de saída, o enfoque falocrático: mulher não nasce com tais ou quais características próprias, tendo isso e aquilo (...). Ela nasce sem. Seu sexo não é uma característica, é uma carência (1984, p.9).

Tendo percorrido um caminho interessante durante a pesquisa que nos levou a esse trabalho fica claro que falar de mulher – até a década de 60 por nós analisada – significava também falar de homens: de sua relação com eles e principalmente das diferenças sempre tão destacadas.

Sabemos que certos países, assim como certos tempos históricos favoreceram e facilitaram a constituição do poder patriarcal gerando uma oposição entre os homens e as mulheres. Isso aconteceu no apogeu da burguesia no século XIX na Europa e também no período Colonial no Brasil. Gerou diversas lutas contra a autoridade instalada e teve, é bom lembrar, consequências para os dois lados. A história das relações entre homens e mulheres é também representada por uma dinâmica entre quem exerce o poder e quem permite que ele seja exercido.

Segundo Peter Gay, no século XIX muitas vezes as mulheres se declararam satisfeitas por se concentrarem no aprimoramento de seus atrativos sexuais e no aperfeiçoamento de suas habilidades domésticas, o que, para ele, mais do que simples resignação, significava também uma manobra defensiva.

Descontentes com sua situação, e ainda mais angustiadas com a cólera que frequentemente sentiam por isso, as mulheres às vezes conseguiam dominar a ansiedade adotando as opiniões dos homens, por vezes até mesmo imitando suas formulações (1988, p.157).

Essa identificação acabava por reduzir e até eliminar a existência tensa vivenciada por mulheres que começavam a repudiar os valores tradicionais, que lhes haviam ensinado a aceitar desde a infância.

Gay relatou em *A educação dos sentidos* que a demonstração aberta e crescente que a mulher fazia de seu poder, principalmente na segunda metade do século XIX na Europa, “levantava incômodas questões quanto ao papel

masculino, um papel que não se definia mais isoladamente, mas numa constrangedora confrontação com o sexo oposto” (1988, p.128). Mas o mesmo autor também destaca que o movimento feminista foi impulsionado para diante “por homens que o apoiaram com lealdade e firmeza” (Idem, p. 142). Se eles foram muitos ou muito poucos, não sabemos. Por maior distanciamento histórico que possamos ter, nosso estudo mostrou-nos que é também com exceções que uma parte da história é contada. Os homens que apoiaram as mulheres talvez fossem uma minoria, assim como também eram as mulheres que lutaram pela emancipação. Faziam parte de uma elite de pensamento e mesmo socioeconômica, já que pertenciam à classe média urbana. É claro também que suas palavras se propagaram, mas é também importante lembrar que elas tiveram que repetir muitas e muitas vezes seu descontentamento, antes que alguma coisa efetivamente começasse a mudar.

De fato, esse “antifeminismo”, traduzido por Peter Gay como “o medo do homem diante da mulher” (Idem, p.328), podia ser igualmente classificado como um apego às tradições, um pouco de ignorância e um “cavalheirismo deslocado”. Tratava-se de um conjunto de atitudes de adaptação às exigências do novo estilo burguês de pensamento: “ordenado, apesar de aberto à individualidade e à liberdade, e autocrítico, apesar de aberto a efusões de esperança e de auto-estima” e tendo principalmente a privacidade como seu valor máximo. Privacidade da qual “a família burguesa era o porto mais seguro” (Idem, p.323).

Dessa “paixão pela privacidade” derivou também a febre de escrever diários que atingiu homens e mulheres. Diários que poderiam se transformar depois em romances. Diários que guardavam também as questões mais importantes dessa sociedade – a sexualidade, o amor, o corpo, a saúde – incrivelmente parecidas com os valores difundidos pela revista *A Cigarra* na década de 60.

Fazer essa ligação tornou-se principalmente facilitado pela pesquisa empírica na coluna *Em dia com a moda*, da jornalista Walda Menezes. Com pretensões literárias e tendo feito teatro na juventude, Walda era herdeira direta das escritoras do século XIX, citadas no primeiro capítulo. As referências que utilizou e sua forma de escrita não deixam dúvida em relação ao fato de que a literatura era muito importante para ela. Apesar de nunca ter levantado a bandeira

do feminismo, insistia em exaltar a capacidade das mulheres de manterem-se femininas mesmo ocupando espaços antes só permitidos aos homens. Isto era também uma forma de incentivo, já que devemos pensar que essa era uma preocupação para algumas mulheres da época. Ainda presas ao mito da “santa-mãezinha” muitas acreditavam que não podiam desejar ser mais do que “esposa amantíssima e mãe extremosa” (da Silva, p.136).

A emancipação feminina do século XIX cumpria um importante ciclo com o advento da pílula anticoncepcional, principalmente para aquelas que tiveram coragem de experimentar essa tão sonhada “liberdade”. A busca do amor no casamento, que segundo alguns autores teria sido responsável por colaborar com o movimento, continuava a existir ainda que de forma diferente. Questionar as relações e optar pela separação podem ter sido outras maneiras de buscar a realização amorosa, que em meados de 1960 passava pelo chamado “amor livre”. Claro que não foram todas as que puderam experimentar essa liberdade, algumas continuaram com seus “casamentos burgueses<sup>43</sup>” que as limitavam a ser a Sra. Fulano de Tal.

Ainda existiam na década de 60 as representações da prostituta e da santa, como formas de classificar as mulheres. No entanto, ao longo dos dez anos, alguns novos valores se tornaram mais importantes que o recato e a virgindade. Mesmo que na sociedade eles ainda existissem, nas revistas a representação começava a mudar. Os preconceitos, ainda que substituídos por valores conturbados, começavam a perder força.

A “cultura das aparências”<sup>44</sup>, síntese da burguesia, começou a atingir o ápice nessa década, para nunca mais abandonar as publicações femininas. A moda da mulher magra, iniciada na virada do século XIX para o XX, se fortaleceu a partir dos anos 60 e veio para ficar. Apesar de toda a resistência inicial por parte de *A Cigarra*, que nos primeiros anos da década ainda exibia em suas páginas a “consagração da morenidade”<sup>45</sup> brasileira, pouco a pouco a batalha foi sendo perdida. Mais perto do final dos anos 60, as modelos brasileiras começavam a

<sup>43</sup> Termo usado por Zuenir Ventura para definir os casamentos da época, em *1968: o ano que não terminou* (1988, p.32).

<sup>44</sup> Termo usado por Mary Del Priore em *Corpo a corpo com a mulher* (2000, p.36).

<sup>45</sup> Termo usado por Gilberto Freyre em *Modos de homem e modas de mulher* (2009, p.85).

parecer estranhamente “gordas”, quando comparadas às européias, tal foi a mudança nos ideais de feminilidade.

Também desapareceram algumas palavras antes muito ligadas à representação da feminilidade. Ao longo da década, “elegância”, “delicadeza”, “graça”, foram perdendo espaço para “sedutora”, “enérgica” e “decidida”. Em certos momentos algumas mulheres, não todas, tentaram ser como os homens renegando a feminilidade.

A juventude, grande destaque da década, também era festejada pela família burguesa, que via nos seus jovens herdeiros uma chance de alçar a família a um *status* mais elevado, primeiro através do casamento e depois pelo estudo formal. Nos anos 60, no entanto, a família como instituição sofreria um duro golpe quando alguns desses mesmos filhos romperiam com “a estrutura do pai e da mãe, que tradicionalmente absorviam sua rebeldia e o colocavam no bom caminho” (Ventura, p.46).

Para Buitoni, ainda que a imprensa feminina por ser uma linguagem, “diga” a mulher (2009, p.11), faltam representações da “mulher de verdade” nas páginas das revistas. Finalizando nossa análise, podemos dizer que, na revista *A Cigarra* e especialmente na coluna *Em dia com a moda*, essas duas situações coexistiram na década de 60. Em alguns momentos foi possível encontrar a mulher brasileira de classe média, que passava por uma enorme transformação e que conseguia, através da revista, receber informações e conceber questionamentos. Em outros, os ideais da moda e da estética se mostraram impossíveis de serem imitados, pela curvilínea brasileira, gerando desde então um desconforto que possivelmente nos acompanhará ainda por bom tempo.